



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### TRABALHO INFORMAL: ENTRE A PRECARIZAÇÃO E O DESEMPREGO

Adma Viana Bezerra\*  
(UESB)

Sócrates Oliveira Menezes\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

A presente pesquisa tem como principal objetivo analisar o processo de precarização do trabalho a que se encontram submetidos os trabalhadores informais, no contexto do desemprego estrutural e da reestruturação produtiva do capital, na especificidade do comércio ambulante dos dois principais pontos de concentração de trabalhadores informais no centro comercial funcional de Vitória da Conquista/BA, sendo eles a Praça Arlindo Rodrigues e a Praça da Bandeira. Para o desenvolvimento dos objetivos propostos e seguindo a orientação teórica, a pesquisa empírica foi estabelecida com a realização de entrevistas e aplicação de questionários aos trabalhadores dessas referidas localidades. Por meio do registro e análise dos dados obtidos, tornou-se possível observar uma relação altamente imbricável entre os processos de precarização das condições de trabalho, desemprego e o fenômeno da informalidade, neste atual estágio de acumulação capitalista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Precarização, Desemprego, Trabalho Informal.

---

\* Especialização em Análise do Espaço Geográfico pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (em curso); Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Grupo de Estudos e Pesquisas: Território e Trabalho (UESB); Email: [adelu.2010@gmail.com](mailto:adelu.2010@gmail.com)

\*\* Mestre pela Universidade Federal de Sergipe. Professor Assistente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa CNPq: Estado, Capital, Trabalho e Políticas de Re-Ordenamentos Territoriais. Coordenador da pesquisa (UESB): heranças da "Sociedade do Trabalho": jovens desempregados na luta pela (sub) existência na periferia urbana de Vitória da Conquista/BA. Email: [socratesmenezes@yahoo.com.br](mailto:socratesmenezes@yahoo.com.br)



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### INTRODUÇÃO

Sabe-se que o sistema de produção capitalista fundamenta-se em uma busca incessante pelo lucro, fato que se concretiza mediante o imenso esforço, por parte dos capitalistas, em reproduzir de modo ampliado o capital. Trata-se de um sistema que passa por períodos de expansão e também de recessões. Neste século XXI, o capitalismo tem se revelado sob uma profunda crise com dimensões jamais constatadas, considerada então como uma verdadeira crise estrutural, na qual as contradições inerentes a este sistema atingem limites verdadeiramente históricos. Todo este conflitante cenário acaba por repercutir em profundas mudanças no mundo do trabalho, na medida em que gera impactos diretos na forma de utilização e exploração da mão de obra por parte dos capitalistas em função, sobretudo, da exploração intensa dos trabalhadores e da alienação dos mesmos, o que torna a situação desses trabalhadores ainda mais vulnerável.

Verifica-se que tanto desempregados como empregados ficam a mercê do capital, aceitando qualquer forma de emprego, com salários indignos, jornadas intensas, pouca ou nenhuma proteção social, sem carteira assinada, sem garantias, entre outros prejuízos. Aqueles que ainda se seguram em seus empregos, estão sendo forçados a trabalhar mais horas, em parte para compensar a redução de salários e de benefícios. Para os trabalhadores desempregados restam apenas buscarem alternativas para a sua sobrevivência, principalmente por meio de atividades econômicas e de trabalho caracterizado pelo trabalho por conta própria, terceirizado, informal.

É preciso ressaltar que essas profundas mudanças no mundo do trabalho tornaram-se possíveis mediante o processo de reestruturação produtiva do capital que, por sua vez, se caracteriza por um forte processo de inovações tecnológicas e científicas utilizadas, sobretudo, para aumentar a produtividade e reduzir os

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

gastos em força de trabalho. Para tanto, se pôs em prática uma espécie de regulamento e flexibilização da legislação trabalhista: contratos de trabalho em tempo parcial, temporários (flexíveis), terceirização, etc., fato que contribui para acentuar o crescimento do desemprego de forma progressiva, configurando uma crescente tendência de precarização do trabalho em escala crescente.

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Vitória da Conquista – BA, tendo como objetivo analisar o processo de precarização a que se encontram submetidos os trabalhadores informais, no contexto do desemprego estrutural e da reestruturação produtiva do capital, na especificidade do comércio ambulante no centro comercial de Vitória da Conquista/BA. Procurou-se assim, buscar compreender as condições de trabalho a que estão submetidos esses trabalhadores desempregados no atual estágio de acumulação capitalista e, ao mesmo tempo, a importância de sua inserção para a manutenção do sistema acumulativo.

### **Metodologia da Pesquisa**

Com o intuito de facilitar o entendimento e as reflexões sobre tal temática, foram então desenvolvidas leituras como subsídio a esta discussão a partir de autores como Soares (2008), Barreto (2003) e Menezes (2007). A análise teórica sustentada pelos referidos autores se fez importante, porque contribuiu para o entendimento de como tem se dado o processo de informalidade e de precarização das condições de trabalho na sede do município de Vitória da Conquista – BA (FIGURA 01), território desta pesquisa. O amadurecimento desta leitura permitiu uma melhor observação e desenvolvimento da dimensão empírica da pesquisa, sobretudo nos direcionamentos e busca das informações e dados.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

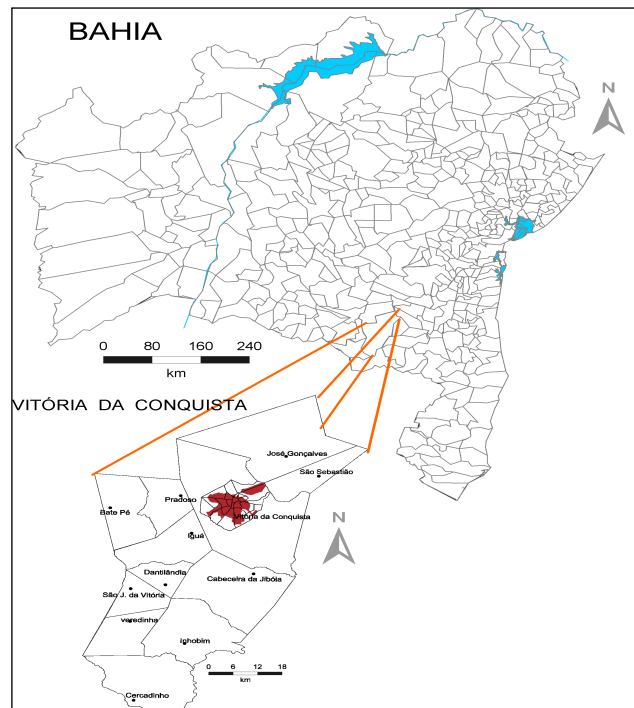


FIGURA 01- Bahia - Localização de Vitória da Conquista – 2010.  
Fonte: ROCHA, 2010.

Para o desenvolvimento dos objetivos propostos e seguindo a orientação teórica, a pesquisa empírica foi estabelecida com a realização de entrevistas e aplicação de questionários a 146 trabalhadores informais dos dois principais pontos de concentração de trabalhadores informais no centro comercial de Vitória da Conquista/BA: a Praça Arlindo Rodrigues - Feira do Paraguai - e a Praça da Bandeira, correspondendo a uma amostra de 40% de uma população de 364 trabalhadores informais destas localidades, representando um conjunto tendencial importante e significativo para a análise. Foram elaborados 10 gráficos contendo informações adquiridas por meio da aplicação de questionários a esses referidos trabalhadores.

Esta pesquisa esteve amparada pelo constante movimento indissociável de observações em campo, análise dos dados obtidos, leituras e discussões. Os dados empíricos foram confrontados e contextualizados com a produção do comércio



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

informal em Vitória da Conquista, na Bahia. A análise se estabeleceu pelo posicionamento crítico no levantamento das contradições do processo histórico de desenvolvimento do setor informal e de precarização das condições de trabalho no centro comercial de Vitória da Conquista, tendo como fundamento o método científico dialético materialista.

### **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### Da subordinação a subsunção

Mediante a complexidade que permeia o fenômeno da informalidade na atualidade, torna-se então necessário uma definição mais abrangente que implique numa melhor compreensão do que seja de fato o trabalho informal e qual sua importância para a exploração capitalista na contemporaneidade. No cenário social, político e econômico atual, o trabalho encontra-se ora subordinado, ora subordinado e subsumido ao capital.

De um modo geral, pode-se dizer que a palavra subordinado expressa o estado de dependência em relação ao capital e às suas leis, mas não dá conta da relação capital-trabalho de forma específica. Essas atividades subordinadas não apresentam fins acumulativos de capital, estando voltadas apenas para a sobrevivência do trabalhador. Pode-se ainda dizer que essas atividades, além de subordinadas, são também funcionais ao sistema capitalista, basicamente por três motivos. Primeiro, porque elas servem para baixar os custos das empresas, mediante a redução de gastos, sobretudo com relação à força de trabalho. Em segundo lugar, porque que geram ocupação e renda e, assim, absorvem parte da classe trabalhadora que se encontra desempregada, evitando com isso uma convulsão social ou ao menos a adiando (SOARES, 2008).

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

E por fim, verifica-se que “[...] os trabalhadores informais que se encontram na esfera da circulação, são funcionais para o sistema porque fazem com que o capital retorne o mais rápido possível para a esfera da produção” (TAVARES, 2002, apud SOARES, 2008, p.123). Assim, esses trabalhadores permitem que uma grande quantidade de mercadorias seja comercializada sem nenhum custo adicional (gastos) com a força de trabalho empregada por parte das empresas fabricantes. Na verdade, a dependência do trabalho informal à lógica de produção capitalista é um fenômeno bastante amplo e complexo, podendo-se dizer até mesmo que “[...] o trabalho informal não se restringe apenas à categoria de subordinado: há também o processo de trabalho subsumido ao capital, participando ativamente do processo de valorização desse último, ao gerar mais-valia” (SOARES, 2008, p. 123).

Para uma maior compreensão desse processo é preciso que se perceba a existência de dois níveis de subsunção do trabalho ao capital, uma formal e outra real (MARX apud BARRETO, 2003). Com relação à subsunção formal do trabalho ao capital, acredita-se que a mesma corresponde a uma forma de extração da mais-valia absoluta, na medida em que ela “implica no método empregado para extorquir o sobretrabalho do produtor direto. Trata-se de uma relação monetária entre um possuidor de mercadorias que se apropria do sobretrabalho e o possuidor de mercadorias que fornece o sobretrabalho” (SOARES, 2008, p.126).

Já em relação à subsunção real do trabalho ao capital, de um modo geral, pode-se dizer que se trata de um “[...] processo, no qual desenvolvem-se as forças produtivas sociais do trabalho e, graças ao trabalho em grande escala, chega-se a aplicação da ciência e da maquinaria à produção imediata” (MARX, 1985, apud SOARES, 2008, p.124). Tudo isso possibilitou uma produção de mercadorias de forma imediata, em larga escala e com um mínimo de trabalho possível, fato que contribuiu para os altos índices de desemprego.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Em virtude da ampla diversificação da esfera do setor informal, nesta pesquisa a abordagem do tema da informalidade estará voltada de forma mais específica para o trabalho informal dos vendedores ambulantes que se concentram, sobretudo, em áreas que apresentam certas vantagens em termos de localização, como é o caso do centro comercial conquistense, uma vez que nele existem elementos que possibilitam o consumo e a dinâmica econômica desse espaço: alta mobilidade de pessoas, mercadorias e capitais, bem como um sistema de comércio e serviços diversificados.

Observa-se ainda que os trabalhadores de rua sempre estiveram presentes como elementos participantes do trabalho urbano. Entretanto, é necessário destacar a diferença histórica entre essas formas de informalidade do trabalho num capitalismo embrionário e as formas atuais de informalidade vinculada ao estágio crítico da acumulação capitalista. Foi somente a partir do último quartel do séc. XX (até o momento atual) que o trabalho de rua passou a ter peso mais significativo nas relações produtivas do sistema capitalista industrial, podendo-se hoje observar uma forte imbricação entre os trabalhadores de rua e o processo de valorização do capital (MENEZES, 2007).

Diante do exposto, pode-se então perceber que a informalidade tem se apresentado como condição de reprodução do desemprego e realização do capital, uma vez que esses trabalhadores continuam a participar da economia urbana e colaboram amplamente para o processo de reprodução do capital.

Precarização do trabalho em Vitória da Conquista/BA: **Território da informalidade**



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa, pôde-se observar a presença de vendedores ambulantes em vários pontos estratégicos do centro comercial de Vitória da Conquista, sendo a Praça Arlindo Rodrigues (Feira do Paraguai) e a Praça da Bandeira, os dois principais pontos de concentração dos trabalhadores informais no centro comercial principal conquistense, conforme já dito. A aplicação de questionários aos trabalhadores informais dessas referidas localidades, tornou possível o registro e a análise dos dados obtidos.

Na Praça Arlindo Rodrigues, há atualmente a presença de 179 blocos (barraquinhas), onde são comercializados os mais diversos tipos de mercadorias (eletroeletrônicos, acessórios para celular, celular, etc.), adquiridas em outros estados brasileiros, bem como no Paraguai. Já a Praça da Bandeira, atualmente constitui-se em um local onde se encontram um número considerável de camelôs que diariamente se instalam nos 142 blocos (barraquinhas) ali presentes. Nessa praça, há uma grande variedade de mercadorias a serem vendidas, tais como bolsas, bonés, bijuterias, artesanatos, confecções, entre outros. Assim, verificou-se por meio de uma amostra de 40% de uma população de 364 trabalhadores, que a maioria entre os entrevistados são naturais desta cidade (78%); entretanto, dentre esses trabalhadores há ainda pessoas de outras cidades da Bahia (17%), tais como Caraíbas, Tanhaçú, Itambé, Cordeiros, etc., bem como de outros estados brasileiros (5%), sobretudo de Pernambuco e Alagoas (FIGURA 02). É válido ainda ressaltar o fato de que todos esses trabalhadores residem e trabalham no município de Vitória da Conquista/BA.



IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

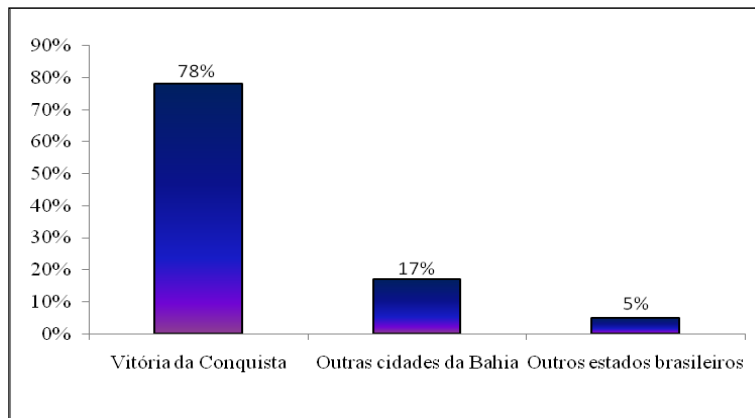


FIGURA 02 - Vitória da Conquista: Trabalhadores informais (origem) – 2010

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Já ao que se refere à renda familiar desses trabalhadores, observa-se que esta se apresenta de forma bastante variável, sendo que 17% dos entrevistados possuem uma renda inferior a um salário mínimo; 39% possuem uma renda média mensal de um salário mínimo; 36% ganha em torno de dois salários mínimos; apenas 8% afirmaram faturar mensalmente cerca de três salários mínimos (Figura 03). Assim, verifica-se que a maioria desses trabalhadores possui uma renda mensal equivalente a apenas um salário mínimo, sendo esse considerado insuficiente para o sustento dos mesmos, bem como de suas famílias.

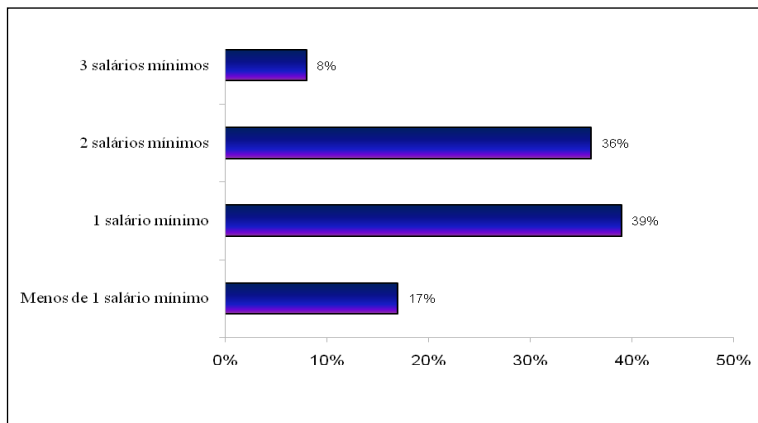


FIGURA 03 – Vitória da Conquista: Renda média mensal dos trabalhadores informais – 2010

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

É importante ressaltar que o comércio informal é a uma única fonte de renda desses trabalhadores, correspondendo a 74,3% dos entrevistados. O restante, representativo de 25,7% declarou realizar ainda outros tipos de trabalho informal, de modo a complementar a renda familiar (FIGURA 04). Esses trabalhadores alegaram ser a falta de opção o principal fator que os conduziram a realização de outros tipos de atividades caracterizadas também pela precarização e pela informalidade.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

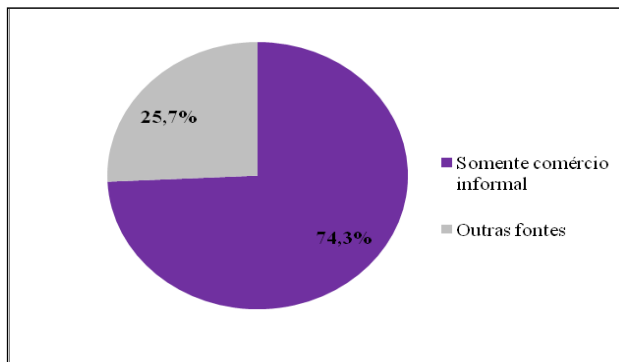


FIGURA 04 – Vitória da Conquista: Fonte de renda dos trabalhadores informais – 2010.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Dentre esses trabalhadores, apenas 9,5% declararam pagar algum tipo de plano de previdência; já a grande maioria, que corresponde a um total de 90,5%, alegou não ter condições financeiras suficientes para contribuírem (FIGURA 05). Assim, observa-se que a insuficiência de renda desses trabalhadores repercute diretamente em suas condições de vida. Constatou-se, também, que muitos dos trabalhadores ali presentes se encontram há muito tempo na informalidade: 7,7% há cerca de um ano; 11,4% há cerca de dois anos; 1,9% há cerca de três anos; 79% por um período superior a 03 anos. Desse modo, verifica-se que muitos desses trabalhadores encontram-se inseridos na informalidade por um período bastante considerável<sup>483</sup>, fato que revela uma tendência da informalidade mais constante, conforme demonstrada na Figura 06.

<sup>483</sup>Esse é o caso da D. Raquel que há 30 anos é trabalhadora informal, bem como o do Sr. Joaquim, que há mais de 45 anos encontra-se na informalidade. (Fonte: Pesquisa de campo, 2010).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

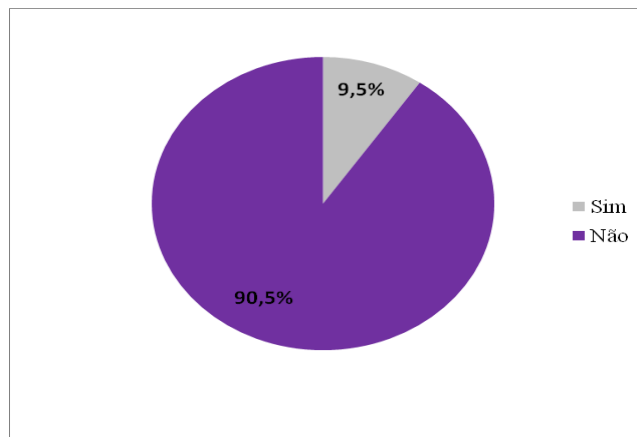


FIGURA 05 – Vitória da Conquista: Contribuição Previdenciária – 2010.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

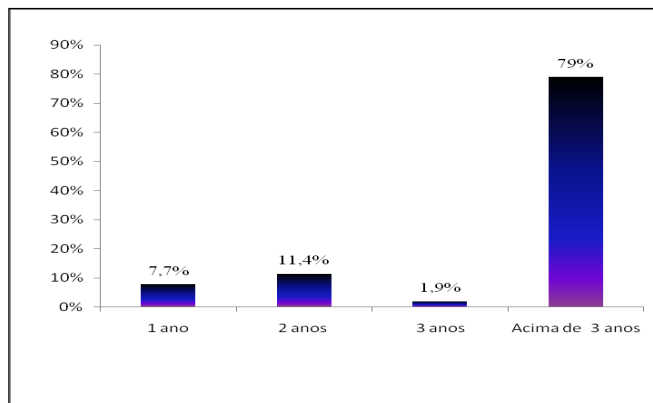


FIGURA 06 - Vitória da Conquista: Tempo de permanência no trabalho informal-2010  
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Entretanto, é preciso ainda reconhecer a existência de um conjunto de fatores que contribui não somente para a inserção, como também para a permanência nesse tipo de atividade fundada na informalidade. 56% dos trabalhadores entrevistados declararam ser a falta de opção a principal ‘motivação’ que os conduziram ao comércio informal; 39% afirmaram conhecer pessoas que já trabalhavam nesse tipo

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

de atividade, as quais serviram como referência; 5% asseguraram terem sido diversos os motivos que os levaram a prática de atividades dita informal, podendo destacar, dentre os demais, a questão da intensa precarização dos trabalhos anteriormente realizados pelos mesmos como sendo um dos principais motivos para a saída do mercado de trabalho formal (FIGURA 07). Assim, mediante uma situação de desemprego e da própria precarização presente no trabalho dito formal, essas pessoas não vêem outra opção, a não ser permanecer desenvolvendo atividades informais.

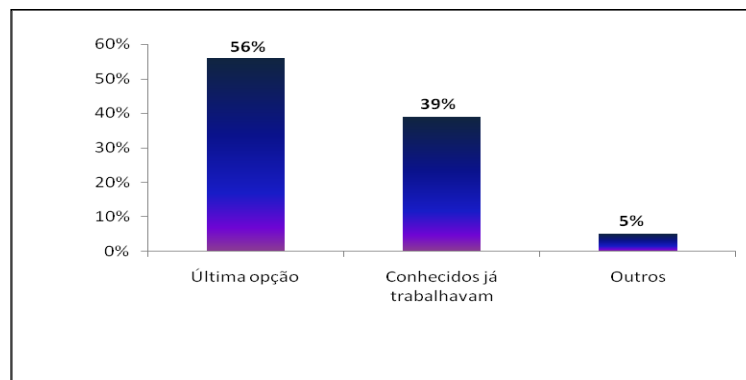


FIGURA 07 – Vitória da Conquista: Trabalho informal: Principais motivações – 2010.

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

O trabalho informal apesar de constituir-se em única fonte de renda para uma grande parcela da população, como já dito, traz consigo inúmeras desvantagens para o trabalhador que a ele encontra-se subjugado. Assim, do total de pessoas entrevistadas: 33,3% consideram o trabalho nas ruas como sendo um dos principais problemas enfrentados diariamente; 24,8% afirmaram ser a infraestrutura do local a principal dificuldade a ser superada; 18% asseguraram serem as condições do comércio que impede o desenvolvimento do trabalho; 8,6% declararam ter problemas com a

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Prefeitura e com demais órgãos governamentais responsáveis pela fiscalização; 2,9% alegaram sofrer uma forte discriminação social, de modo a se sentirem a margem da sociedade; 1,9% declararam ser a violência um dos problemas a ser enfrentados; 1,9% declararam existir ainda alguns atritos entre colegas, de modo a prejudicar o relacionamento entre os mesmos.

Além destas, uma série de outras desvantagens foram ainda mencionadas por se constituírem em dificuldades a serem superadas, tais como: insegurança financeira e ausência de benefícios futuros; o desconforto do local de trabalho; as intempéries climáticas; dentre outras (8,6%), conforme elucidado na Figura 08. Tudo isso remete a questão da intensa precarização, uma vez que são inúmeros os problemas a serem enfrentados por esses trabalhadores diariamente.

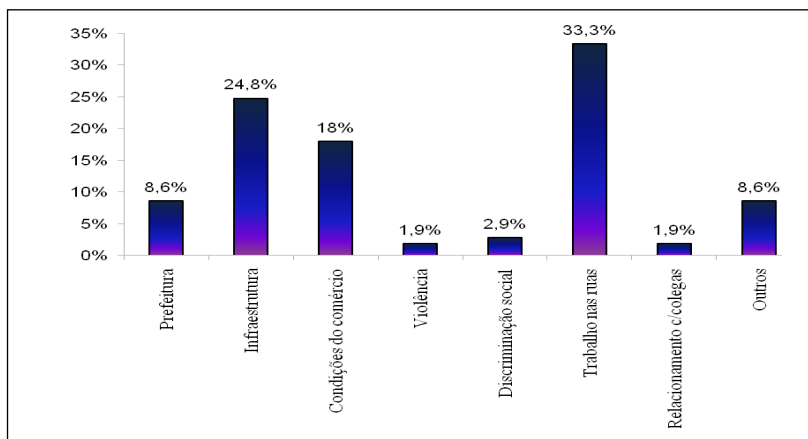


FIGURA 08: Vitória da Conquista: Principais problemas enfrentados diariamente pelos trabalhadores informais – 2010.

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Ainda no comércio informal em Vitória da Conquista/BA, pode-se observar uma total falta de infraestrutura do local, na medida em que as mercadorias ali

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

comercializadas encontram-se sujeitas a assaltos, roubos, bem como as intempéries climáticas, tais como sol, chuva, etc. Com relação à jornada de trabalho semanal, 87% dos entrevistados declararam trabalhar em média seis dias; 10% afirmaram trabalhar sete dias e apenas 3% afirmaram trabalhar por um período de cinco dias consecutivos (FIGURA 09).

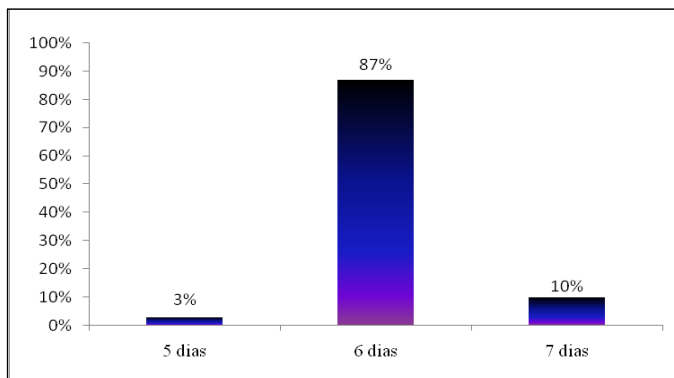


FIGURA 09 – Vitória da Conquista: Jornada de trabalho semanal – 2010.

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Já com relação à jornada de trabalho, 2,9% dos trabalhadores entrevistados afirmaram possuir uma carga horária diária de 8 a 10 horas; porém, a maioria, correspondendo a 89,5%, afirmou trabalhar em média 10 a 12 horas por dia; somente 7,6% dos entrevistados afirmaram trabalhar por um período maior que 12 horas diárias (FIGURA 10). Considera-se que essa intensa jornada diária de trabalho implica em uma série de desgastes físicos e psicológicos, acabando por repercutir na questão da própria qualidade de vida desses trabalhadores.

Quando questionados sobre a possibilidade de troca do trabalho informal por um trabalho formalizado, 19% dos trabalhadores entrevistados manifestaram dúvidas, considerando a necessidade de se avaliar uma série de aspectos antes da

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

tomada de qualquer tipo de decisão, tais como: o tipo de trabalho, a função exercida, o valor do salário, entre outros. Dos entrevistados 29% declararam que trocariam sem problemas suas atividades informais por um trabalho formal, pois vêm no mesmo uma maior estabilidade, segurança e possibilidade de crescimento, porém 52% afirmaram que não trocariam suas atividades por um emprego dito formal. Os motivos citados foram diversos, dentre eles é possível citar a questão da intensa precariedade no mundo do trabalho que atinge também o setor formal; a idade avançada; baixo grau de escolaridade de muitos destes trabalhadores, sendo estes os motivos mais mencionados (FIGURA 11).

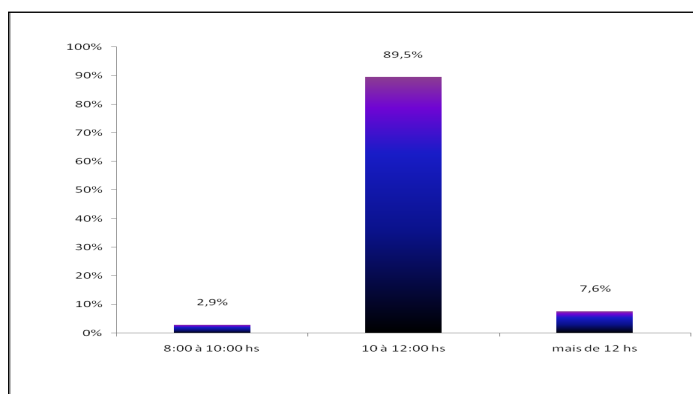


FIGURA 10 – Vitória da Conquista: Carga horária diária – 2010.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.



IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

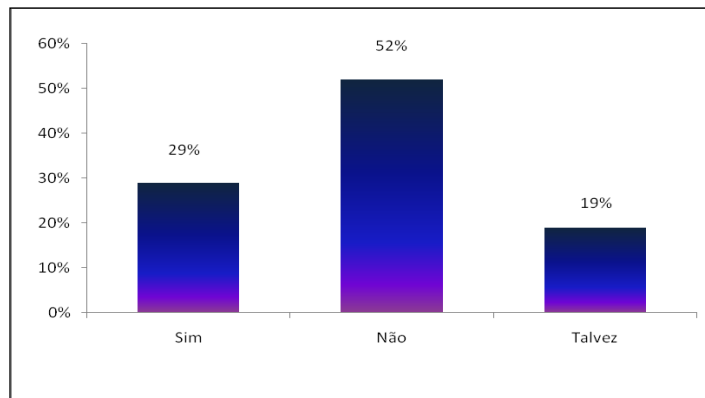


FIGURA 11 – Vitória da Conquista: Substituição do trabalho informal por um emprego formalizado – 2010.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Por conseguinte, a maioria dos trabalhadores entrevistados manifestou uma verdadeira ausência de perspectiva para o mercado de trabalho formal, uma vez que a sua simples inserção não configura garantia de segurança e estabilidade.

## CONCLUSÕES

Diante do exposto, pode-se perceber que a abordagem do mundo do trabalho a partir do chamado “desemprego estrutural”, do fenômeno da informalidade, bem como do processo de precarização do trabalho, é de fundamental importância, visto que esses se apresentam como evidências da ativação dos limites do capital constituindo-se, assim, em reflexo da atual crise estrutural do sistema do capital. Assim, verifica-se que a dimensão real/concreta do processo atual de exploração do trabalho se apresenta como um fenômeno central e bastante complexo na sociedade capitalista atual.

Do ponto de vista do trabalhador, pode-se então asseverar que o trabalho informal não se apresenta como uma opção, mas sim como uma verdadeira falta de



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

opção imposta pelo processo real da exploração do trabalho ao capital, processo esse que desencadeia, por outro lado, a condição do desemprego que empurra massas de trabalhadores a qualquer forma precarizada de trabalho na luta pela sobrevivência, obrigando-os a se sujeitarem ao subemprego e a informalidade, como forma de geração de ocupação e renda. Portanto, conclui-se que o trabalho informal se constitui em condição do desemprego e realização do capital, uma vez que esses trabalhadores continuam a participar da economia urbana e colaboram amplamente para o processo de reprodução capitalista revelando, assim, toda a sua funcionalidade para o sistema do capital.

Deste modo, pode-se perceber que esta se trata de uma realidade um tanto complexa, na medida em que são verificadas condições de trabalho precarizadas de milhares de pessoas que encontraram na informalidade uma forma de garantirem a sua própria sobrevivência. Contudo, cabe lutar por perspectivas melhores sem perderem a esperança de mudanças que realmente se configurem em benefícios e melhorias para esses trabalhadores informais.

### REFERÊNCIAS

BARRETO, Theo da Rocha. **A precarização do trabalho e da vida dos novos trabalhadores informais: o trabalho flexível nas ruas de Salvador**, 2003. (Monografia). Salvador/BA; FFCH-UFBA.

MENEZES, Sócrates Oliveira. **De “supérfluos” a sujeitos históricos na contramão do capital: a geografia do (des)trabalho**. (Dissertação de Mestrado). São Cristovão: NPGEO – UFS, 2007.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

ROCHA, Altemar Amaral. **BAHIA**: Localização de Vitória da Conquista – 2010. Vitória da Conquista – BA: UESB/NEAG, 2010. (Mapa digital do município de Vitória da Conquista).

SOARES, Marcos Antônio Tavares. **Trabalho Informal**: da Funcionalidade à Subsunção ao Capital. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2008.